



Ciências Humanas: Características Práticas, Teóricas e Subjetivas

**Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos
(Organizadores)**

Atena
Editora
Ano 2019



Ciências Humanas: Características Práticas, Teóricas e Subjetivas

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos
(Organizadores)

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C569	Ciências humanas [recurso eletrônico] : características práticas, teóricas e subjetivas / Organizadores Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Ciências humanas: características práticas, teóricas e subjetivas; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-884-7 DOI 10.22533/at.ed.847192312 1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de. II. Thamires Nayara Sousa de. III. Série. CDD 301
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Ciências Humanas: características práticas, teóricas e subjetivas – Vol. I, coletânea de vinte e oito capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, corresponde a obra que discute temáticas que circundam a grande área das Humanidades.

As colaborações aqui congregadas abordam contribuições que dialogam com a vasta área das Humanidades. Assim, sendo, optamos por promover um recorte primeiro a partir de dois grandes eixos: o primeiro é a educação, o segundo é o exercício das práticas religiosas e sua interação sagrado e profano.

Realizada essa observação, propomos aos leitores um exercício de diálogo com os capítulos que compõem a presente obra. Temos, inicialmente, a abordagem sobre a educação na realidade mexicana. De imediato, e sequenciado, a legislação pátria para o tema da educação é recordada, bem como as políticas públicas oportunas. Em movimento sequenciado, há textos que versam sobre administração escolar, metodologias da aprendizagem, processo educativo, aprendizagem por meio de jogos didáticos, práxis docente, desenvolvimento infantil, educação ambiental, educação infantil, a inclusão de crianças indígenas em ambiente escolar não indígena, livro didático, sequência didática, formação humana, saúde e formação acadêmica, formação docente na realidade de sujeitos surdos, estágio supervisionado e o papel da monitoria.

Alcançando o segundo momento, temos a busca pelo diálogo inter-religioso, a devoção e a realidade vivenciada em São Gonçalo do Amarante, além da festa e religiosidade em Maringá.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
LA OTRA EDUCACIÓN: EDUCAÇÃO E AUTONOMIA NO TERRITÓRIO ZAPATISTA EM CHIAPAS, MÉXICO Aiano Bemfica Mineiro DOI 10.22533/at.ed.8471923121	
CAPÍTULO 2	14
REFRAÇÃO POLÍTICA, POLÍTICAS PÚBLICAS E LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL NO BRASIL: O INÍCIO DE UMA LONGA DISCUSSÃO Pablo Silva Machado Bispo dos Santos DOI 10.22533/at.ed.8471923122	
CAPÍTULO 3	22
CONTRA-REFORMA NO ESTADO: OS DESAFIOS NA ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR Ana Paula Oliveira Silva de Fernández Ana Paula Nunes Daniela Elis Dondossola Pedro Henrique Giroto Ribeiro DOI 10.22533/at.ed.8471923123	
CAPÍTULO 4	30
METODOLOGIAS ATIVAS X METODOLOGIAS TRADICIONAIS: IMPORTÂNCIA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM Samuel Alves da Silva Beatriz Paiva Rocha Claísa Andréa Freitas Rabelo Ashley Brito Valentim Chrisley de Lima Rocha Mateus Barbosa Tavares Renata Carmo de Assis DOI 10.22533/at.ed.8471923124	
CAPÍTULO 5	36
MAPEANDO OS FATORES MOTIVACIONAIS QUE INFLUENCIAM NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM: CINCO CATEGORIAS PARA REFLETIR SOBRE O PROCESSO EDUCATIVO Ivana Caldeira Siqueira Rafael Montoito Teixeira DOI 10.22533/at.ed.8471923125	
CAPÍTULO 6	57
AVALIAÇÃO DA MOTIVAÇÃO PARA APRENDIZAGEM ATRAVÉS DA UTILIZAÇÃO DE JOGOS DIDÁTICOS NO SMARTPHONE PARA O ENSINO DE QUÍMICA NO ENSINO FUNDAMENTAL Janine Heckler da Cunha Fernando Junges DOI 10.22533/at.ed.8471923126	
CAPÍTULO 7	64
ALIENAÇÃO E A PRÁXIS DOCENTE: ANÁLISES A PARTIR DAS ESCOLAS ESTADUAIS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL Thayná Costa Marques	

DOI 10.22533/at.ed.8471923127

CAPÍTULO 8 69

DESENVOLVIMENTO INFANTIL, PSICOMOTRICIDADE E ASPECTOS PSICOSSOCIAIS NA ESCOLA:
RELATO DE EXPERIÊNCIA

Silvia Helena de Amorim Martins
Ana Luísa Leite Lima
Francisca Bertilia Chaves Costa
Sabrina Serra Matos
Luiza Valeska de Mesquita Martins
Ana Maria Fontenelle Catrib

DOI 10.22533/at.ed.8471923128

CAPÍTULO 9 77

EDUCAÇÃO AMBIENTAL: OFICINA DE REGADORES RECICLÁVEIS COM ALUNOS DA EDUCAÇÃO
INFANTIL

Karine Kévine da Rocha Sousa
Cláudia Jane Pinto Gomes
Robson Rabelo Rangel
Karyna Régia Teles Alves

DOI 10.22533/at.ed.8471923129

CAPÍTULO 10 82

EXPERIÊNCIA COM ARTE: APRENDIZAGEM DIALÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Andréia Oliveira Ferreira dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.84719231210

CAPÍTULO 11 96

A INSERÇÃO DE CRIANÇAS INDÍGENAS EM UM CONTEXTO ESCOLAR NÃO INDÍGENA

Clotildes Martins Morais
Antonio Dari Ramos
Maristela Aquino Insfram
Cajetano Vera
Obonyo Meireles Guerra

DOI 10.22533/at.ed.84719231211

CAPÍTULO 12 107

UM RETRATO DO INDÍGENA NO LIVRO DIDÁTICO: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA NOÇÃO DE
'ESTRUTURA DE SENTIMENTO' DE RAYMOND WILLIAMS

Nádia Narcisa de Brito Santos
Isaíde Bandeira da Silva
José Petrucio de Farias Júnior

DOI 10.22533/at.ed.84719231212

CAPÍTULO 13 120

SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE A ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL PARA AS SÉRIES FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL

Simone Vilhalva Dering
Maikel da Silva Ferreira Luiz
Antonio Sales

DOI 10.22533/at.ed.84719231213

CAPÍTULO 14	137
A FORMAÇÃO HUMANA E PROFISSIONAL: UM OLHAR A PARTIR DE FOUCAULT SOBRE AS UNIVERSIDADES CORPORATIVAS DO SÉCULO XXI	
Luiz Alberto Borcsik Carlos Roberto da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.84719231214	
CAPÍTULO 15	150
BASES FILOSÓFICAS DAS PSICOLOGIAS HUMANISTAS, FENOMENOLÓGICAS E EXISTENCIALISTAS: A IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO DE PSICOTERAPEUTAS INICIANTE	
Milena Pinheiro Duarte Mayara Rocha Coelho Layza Castelo Branco Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.84719231215	
CAPÍTULO 16	161
FORMAÇÃO ACADÊMICA E SAÚDE MENTAL: PANORAMA DOS DISCENTES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ	
Milena Pinheiro Duarte Layza Castelo Branco Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.84719231216	
CAPÍTULO 17	171
O SENTIDO DE VIDA E A EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE DE PACIENTES ONCOLÓGICOS	
Noely Cibeli dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.84719231217	
CAPÍTULO 18	179
FORMAÇÃO DOCENTE E EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS: REFLEXÕES INICIAIS	
Claudeth da Silva Lemos Daniele Cariolano da Silva Francisco Tiago Ribeiro Silva Maria Wesla Nogueira da Silva Suziane Cristina da Silva Ferreira Venícius de Sousa Lima	
DOI 10.22533/at.ed.84719231218	
CAPÍTULO 19	185
EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS: PERCEPÇÕES E REFLEXÕES DISCENTES	
Claudeth da Silva Lemos Daniele Cariolano da Silva Francisco Tiago Ribeiro Silva Maria Wesla Nogueira da Silva Suziane Cristina da Silva Ferreira Venícius de Sousa Lima	
DOI 10.22533/at.ed.84719231219	
CAPÍTULO 20	190
O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO	
André Leandro dos Santos Pereira Michelline da Silva Nogueira Maria socorro Lucena Lima	
DOI 10.22533/at.ed.84719231220	

CAPÍTULO 21	199
MONITORIA EM DIDÁTICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA FORMAÇÃO DOCENTE	
Eliane Rodrigues Martins	
Maria Evilene da Silva	
Geandra Claudia Silva Santos	
DOI 10.22533/at.ed.84719231221	
CAPÍTULO 22	207
A EXPERIÊNCIA DA MONITORIA COMO ESPAÇO FORMATIVO	
Laíssa Mulato Moreira Lima	
Tânia Maria de Sousa França	
DOI 10.22533/at.ed.84719231222	
CAPÍTULO 23	213
OS MISSIONEIROS: ARTE, PATRIMÔNIO E (RE)CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE REGIONAL	
Rodrigo Miguel de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.84719231223	
CAPÍTULO 24	226
O RITO <i>REAHU</i> (FESTA) DO POVO CUJO TERRA NÃO RECEBE SEUS MORTOS; RECINTO DE DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO	
Mary Agnes Njeri Mwangi	
DOI 10.22533/at.ed.84719231224	
CAPÍTULO 25	234
O SAGRADO E O PROFANO NA DEVOÇÃO E DANÇA A SÃO GONÇALO DE AMARANTE	
Joana Paula Silva Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.84719231225	
CAPÍTULO 26	247
FESTA E RELIGIOSIDADE: REFLEXÕES ACERCA DO HALLEL (MARINGÁ-PR, 1995-2018)	
Mariane Rosa Emerenciano da Silva	
Vanda Fortuna Serafim	
DOI 10.22533/at.ed.84719231226	
CAPÍTULO 27	260
A GESTÃO DA UNIDADE DE INFORMAÇÃO PROCESSOS DE OBRA PARTICULARES NOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO DO ALENTEJO	
Paulo Batista	
DOI 10.22533/at.ed.84719231227	
SOBRE OS ORGANIZADORES	271
ÍNDICE REMISSIVO	272

OS MISSIONEIRO: ARTE, PATRIMÔNIO E (RE) CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE REGIONAL

Rodrigo Miguel de Souza

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai
e das Missões – URI

São Luiz Gonzaga/ Rio Grande do Sul

RESUMO: O presente trabalho apresenta o tema das identidades sociais, enfocando a identidade missioneira, constituída na região noroeste do Rio Grande do Sul. O trabalho tem como objetivo retomar o percurso social e histórico de formação desta identidade regional, compreendendo suas relações com temas como patrimônio, arte e região, dialogando constantemente com as teorias das ciências sociais sobre o tema. Para tanto, recorreremos a revisão bibliográfica sobre o tema, pesquisa sobre parte da produção artística que remete a esta identidade, bem como a visitas etnográficas a alguns locais de memória que demarcam as negociações entre identidade e patrimônio. As dinâmicas sociais sob as quais a identidade missioneira é formada na década de 70, denotam a urgência da ressignificação seletiva do passado frente a um presente de crise econômica, e a um futuro incerto. O passado torna-se então não somente um ente estático, mas uma fonte de renovação das possibilidades de encarar o porvir.

PALAVRAS-CHAVE:

Identidade;
Missioneirismo; Missões Jesuíticas; Patrimônio.

THE MISSIONEIRO: ART, PATRIMONY
AND (RE)CONSTRUCTION OF A REGIONAL
IDENTITY

ABSTRACT: The present paper brings the theme of social identities, focusing at the missioneira identity, constituted at the northwest region of Rio Grande do Sul. The paper have as objective to resume the social and historical path of formulation of this regional identity, comprising its relations with themes like patrimony, art and region, guided by the social sciences theories about the theme. The work consists of a bibliographical revision about the theme, research about part of the artistical production that sends to this identity, as well as ethnographical visitations to some places of memory that shows the negotiations between identity and patrimony. The social dynamics that forms the missioneira identity during the 70's, denotes the urgency of a selective ressignifications of the past, facing a economical crisis in the present and an uncertain future. The past became not na stactical entity, but a source of renovation of the possible ways of face the future.

KEYWORDS: Identity, Missioneirism, Jesuitical Missions, Patrimony.

1 | INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende apresentar a forma como a história das missões, foi ressignificada pelos sujeitos sociais locais, transformando-se em um discurso identitário. Procuraremos ressaltar a forma de constituição desse discurso, que parte da marginalidade à patrimonialização oficial, as nuances de costumes, tradições e valores contidos no mesmo.

Pierre Bourdieu reflete sobre a forma como a história é assumida pelos sujeitos sociais, que a incorporam, apropriando-se de determinados aspectos da história coletiva e buscam constituir uma narrativa social coerente de acordo com seus valores e trajetória.

A história no sentido do *res gatae* constitui a história feita coisa a qual é levada, “actuada”, reactivada pela história feita corpo e que não só actua como traz de volta aquilo que a leva. [...] Do mesmo modo que o escrito só escapa ao estado de letra morta pelo acto da leitura o qual supõe uma atitude e uma aptidão para ler e para decifrar o sentido nele inscrito, também a história objectivada, instituída, só se transforma em acção histórica, isto é, em história “actuada” e atuante, se for assumida por agentes cuja história e isso os predispõe e que, pelos seus investimentos anteriores, são dados a interessar-se pelo seu funcionamento e dotados das aptidões necessárias para a pôr a funcionar. (BOURDIEU, 2011, p. 83)

A ideia ressaltada por Bourdieu é a da predisposição, que supõe haverem condicionantes sociais capazes de preparar os indivíduos a assumirem a historicidade, transformando-a em parte dos fatores a serem considerados na orientação das identidades. Porém, a tematização do passado está sempre ligada às expectativas futuras, ao porvir, pois conforme Pommer (2009, p. 27) “Cada presente estabelece uma relação particular entre passado e futuro, isto é, atribui um sentido ao desdobramento da história, faz uma representação de si em relação às suas alteridades – o passado e o futuro.

Para melhor compreender a identidade missioneira é preciso contextualizá-la frente ao momento social em que seu surgimento está inserido, partindo do fato para o entorno, da identidade e suas significações para suas relações estabelecidas, compreendendo-a de forma ampla e não como um fenômeno fechado em si, autossignificante. O objetivo deste trabalho, portanto, é demonstrar o percurso histórico de formação desta identidade regional, compreendendo suas relações com temas como patrimônio, arte e discurso, dialogando constantemente com as teorias das ciências sociais sobre o tema.

2 | MISSIONEIRISMO E TRADICIONALISMO: DEMARCANDO AS FRONTEIRAS DA IDENTIDADE

Hobsbawm e Ranger (1997) afirmam que uma das situações típicas de invenção de tradições é quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói padrões para

os quais as velhas tradições foram feitas. Esta é a situação da invenção do tradicionalismo gaúcho, e ainda que este tenha se instalado antes do missionarismo, ambos aparecem em momentos de transformações sociais e buscam afirmar um elo de continuidade com o passado. O tradicionalismo gaúcho, organizado por Paixão Côrtes a partir de 1947, aparece em um momento de intensa urbanização do Brasil. Também são determinantes para a criação de um clima de mudança de padrões o aprofundamento das relações com os EUA, que traz através da rádio novos referenciais culturais, e as ações desenvolvidas pelo governo de Getúlio Vargas em 1937 como forma de eliminar os regionalismos. Após a queda de Getúlio, o governo adota uma postura menos centralizadora em relação ao regionalismo.

O tradicionalismo gaúcho assenta-se principalmente no passado, tendo como referência principal a revolução farroupilha (1835-1845), que opôs tropas republicanas locais ao governo imperial brasileiro. A formulação identitária dada no início da segunda metade do século XX revaloriza o gaúcho, antes símbolo dos peões errantes, saqueadores sem-terra, sem rumo e sem ética, passa a ser identificado como o herói farroupilha, referência positiva e antepassado comum do povo do estado, que passa a identificar-se como gaúcho. Neste processo, tem papel central o Movimento Tradicionalista Gaúcho, que age ativamente na reconstrução do passado regional, cristalizando o mesmo na forma de tradições e regras rígidas que definem o que significa “ser gaúcho”.

Hobsbawm reflete sobre a ação dos movimentos tradicionalistas, afirmando que:

Tais movimentos, comuns entre os intelectuais desde a época romântica, nunca poderão desenvolver, nem preservar um passado vivo (a não ser, talvez, criando refúgios naturais humanos para aspectos isolados da vida arcaica); estão destinados a se transformarem em “tradições inventadas”. Por outro lado, a força e a adaptabilidade das tradições genuínas não deve ser confundida com a “invenção das tradições”. Não é necessário recuperar nem inventar tradições quando os velhos usos ainda se conservam. (HOBSBAWM, 1997, p. 16)

Os Centros de Tradições Gaúchas aparecem como os “refúgios naturais humanos” criados para preservar os aspectos do passado escolhidos como dignos de serem preservados. Neste sentido as diferenças do gaúcho em relação ao restante do Brasil (herança da revolução Farroupilha), demarcam a identidade, representada na forma de vestir, na fala e nos costumes. Parte da comunidade da região das missões, porém não se sentia representada pelo tradicionalismo gaúcho, optando por criar então uma representação própria, digna da ideia que fazia acerca de seu passado e identidade.

O músico Pedro Ortaça (2013) relata que em 1966 reuniu-se com Cenair Maicá e Noel Guarany para criar um novo modo de cantar as coisas do Rio Grande, por estarem insatisfeitos com a forma como eram representadas. Os mesmos foram denominados pelo payador Jaime Caetano Braun como “Os quatro troncos da cultura missioneira”, em conjunto com o próprio.

O período ditatorial foi marcado por uma forte institucionalização dos movimentos

culturais, sendo que a Semana Farroupilha foi oficializada como a principal data do calendário oficial do Rio Grande do Sul em 1964. Ortaça marca o ano de 1966 como o início do missionarismo, o mesmo ano de fundação do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), o que demonstra um caráter de fronteira identitária e diferenciação entre o tradicionalismo e o missionarismo. Diferenciação que aparece como fruto da marginalidade à que foi relegada a região das missões na representação da formação do Rio Grande do Sul. A marginalidade, aliada à constante depressão econômica, causa o distanciamento simbólico que justifica a ressignificação do missionarismo, constituindo a identidade como representação de uma luta simbólica.

Woodward (2011, p. 13) expõe que identidade e diferença são aspectos indissociáveis, pois “a identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades”. Assim, quem “é”, o é em relação a algo, ou seja, o que não somos define o que somos, pois as identidades formam-se tanto em um movimento de afirmação interna quanto de negação externa, de modo a definir seus contornos e limites.

Internamente o tradicionalismo gaúcho adota como tema central a Revolução Farroupilha, externamente diferencia-se do restante do Brasil pela adoção e culto a tradições em uma espécie de auto-apologia, tanto quanto pela própria valorização destas tradições como o traçado de uma fronteira cultural. O relato de Ortaça, porém demonstra a opção consciente pela criação de uma nova fronteira identitária, que apesar de reconhecer-se gaúcha, opta por definir-se essencialmente missionária. Na emblemática *payada* “Missionário”, Jayme Caetano Braun (2002, p. 28) declara “Sou cria dos Sete Povos/ Nascido em São Luiz Gonzaga!/ Meu orgulho de gaúcho/ É ser guasca e missionário”.

Para Ruben Oliven o gaúcho vê a questão do pertencimento de um modo diverso do restante do país, onde o fato de ser brasileiro passa a ser:

[...] uma opção, secundária ao pertencimento ao Rio Grande do Sul, de modo que a nacionalidade passa pelo regionalismo: “O Rio Grande do Sul sempre foi uma região muito especial, de fronteira, com uma relação muito particular com o Brasil. Simultaneamente, o rio-grandense afirma pertencer ao Brasil, mas que o é por opção. O Estado poderia ter sido parte do império espanhol, acabou fazendo parte do império português, depois do Brasil, o que torna o gaúcho brasileiro por opção. Isso faz parte do imaginário gaúcho. (OLIVEN, 2003, p.2)

A identidade missionária define-se então internamente tendo como tema central a referência às reduções jesuíticas dos Sete Povos como momento fundamental, diferenciando-se externamente das demais identidades através da afirmação de uma cultura própria, que tem como base uma relação particular com a arte, o patrimônio e o território das missões.

A diferenciação entre o missionário e o gaúcho remete a uma ideia de representação da fundação do Rio Grande do Sul que por muito tempo foi refletida nos estudos históricos, nestes eram apresentadas diferentes visões que negavam ou afirmavam o lugar das

missões na formação do Rio Grande do Sul, sendo predominante a negação. Tau Golin (2011) retrata os ataques dos intelectuais do início do século XX ao escritor e jornalista José Velloso Hermetério da Silveira, justificados por este ter afirmado em artigo de 1909 que os indígenas e jesuítas haviam sido os fundadores das missões, destoando, de acordo com o próprio Silveira (apud GOLIN, 2011, p. 286) “da maior parte dos escritores, que, em 144 anos decorridos tinham preconizado todas as medidas empregadas para a sua supressão e banimento”.

A discussão tomou maiores proporções quando, devido ao bicentenário da morte de Sepé Tiarajú (1956), o governo estadual consultou o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS) sobre a pertinência de erguer-se uma estátua em homenagem ao mesmo. O parecer contrário, referiu-se ao fato de que pensar Sepé como um brasileiro é inaceitável. No parecer, publicado no jornal Correio do Povo, de 26 de novembro de 1955 constava que os missionários não poderiam ser encarados “como uma expressão do sentimento, das tendências, dos interesses, da alma coletiva, enfim, do povo gaúcho” (GOLIN, 2011, p. 288).

A identidade missionária permaneceu então, por décadas, submetida a exclusão ou a enquadrar-se como parte menor da identidade gaúcha, de forma marginal, oficialmente negada, pois remetia a um castelhanismo que ia contra a noção de coesão adotada pelo gauchismo. Tal castelhanismo, e a própria identidade missionária, foram incipientes até meados da década de 1970-80.

3 | A REVALORIZAÇÃO DO MISSIONEIRISMO

A revalorização do missionarismo por parte dos artistas locais, iniciada na década de 1960 só toma maiores proporções por volta de 1970/80, quando a região e o Brasil passam por uma crise econômica, que gerou fatores capazes de estimular o reposicionamento frente ao passado.

A década de 1970 representou o crescimento econômico da região através da opção pelo binômio trigo/soja, que ano a ano tomavam áreas maiores de cultivo, a agricultura suplantava a pecuária, em uma espécie de “revolução verde tardia”. O bom momento econômico do início da década promoveu “modificações de comportamento não apenas do setor primário, mas também na produção industrial e no setor terciário, com alterações nas atividades comerciais e de prestação de serviços” (Pommer, 2009, p. 102). Ocorreu a alteração da paisagem urbana, mobilizada em função de atender as necessidades geradas pela expansão agrícola, mudando o imaginário local.

Os elementos, que, a partir da década de 1980 tornaram-se comuns nas representações identitárias de São Luiz, como o passado reducional da cidade, não apareciam na década de 1970. Isso porque as referências dominantes eram aquelas que diziam respeito à produção agrícola que havia imprimido uma nova realidade vivida na cidade. (POMMER, 2009, p. 105).

A crise do capitalismo na década de 1980 causada pelo esgotamento de um ciclo de acumulação de capital baseado no modelo econômico-industrial também atingiu fortemente a economia brasileira, eliminando os recursos acumulados durante o “milagre econômico” da década anterior. A alta dívida externa brasileira, aliada aos juros astronômicos e à crise internacional do petróleo configurou um quadro de crise. O RS teve seu crescimento expressivamente diminuído, tanto pela crise quanto pela expansão da fronteira agrícola, que levou para outras regiões parte da economia do estado.

A busca pela ressignificação da região teve diferentes histórias em cada município, mas estas convergem no sentido de resgate da história local ligando a mesma às reduções jesuíticas. Em São Luiz Gonzaga, por exemplo, o início do resgate se deu em 1979, ano da véspera do centenário de emancipação do município, quando iniciaram os preparativos para a comemoração da data, perfazendo um resgate idílico do passado.

A população, aos poucos, é levada a elaborar um conhecimento específico a respeito da São Luiz Gonzaga Missioneira, cujas [...] raízes estão plantadas no espírito generoso dos padres e dos índios que, no século XVII fundaram uma civilização da qual São Luiz fez parte, os Sete Povos das Missões. (POMMER, 2009, p. 136)

Neste contexto, a ressignificação busca também revalorizar os monumentos locais que remetem a esse tempo remoto. Pommer (2009, p. 137) explica que “já em 1979, existiam vários monumentos, os quais, como “lugares de memória”, assumiam a função de reportar a comunidade a elementos do passado que considerava importante destacar”. Porém, a reafirmação da identidade promovida a partir de então, leva à criação de alguns novos monumentos, como a estátua do Padre Miguel Fernandez, colocada na praça Matriz de São Luiz Gonzaga. Ao pé da estátua há uma placa onde se lê: “Nesta figura simbólica de um jesuíta, a comunidade reverencia à memória do fundador de São Luiz Gonzaga: Pe. Miguel Fernandez (1687)”. A própria referência ao padre se deve a um processo de pesquisa histórica realizado no final da década de 1970 pela historiadora Ana Olívia do Nascimento, presidente emérita do Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga.

O turismo também dialoga com esta identidade, apresentando-se como uma alternativa de viabilidade econômica para a região, apresentando uma relação de reforço e justificação mútua com a identidade. Durante a preparação das comemorações já citadas, foi solicitado à Secretaria de Turismo do Estado o envio de técnicos a São Luiz Gonzaga, visando a criação de um roteiro turístico nas Missões, incluindo como sugestão: visita às Ruínas de São Miguel, ao Santuário do Caaró, às Ruínas de São Lourenço, à Igreja Matriz de São Luiz Gonzaga, às Ruínas de São Nicolau e outros pontos da própria São Luiz. Apesar de não ter tido sucesso, a iniciativa foi o primeiro passo na direção do que futuramente seria a “Fundação Rota Missões”, entidade fundada em 2001, que reúne 27 municípios da região com objetivos econômicos e turísticos em comum.

Ao passo em que o produto turístico Missões define o que deve ou não ser preservado e apresentado como representação comunitária, a própria comunidade apossa-se deste

produto, incorporando-o como referencial do que significa ser missioneiro, em uma dialética mútua de transformação e legitimação. Em uma época de crise econômica e societal, esse resgate não é simplesmente uma revisão do passado, mas uma ressignificação, uma forma de buscar (ou mesmo de reconstruir) no passado exemplos capazes de fazer com que a ideia de um futuro melhor possa ser construída.

Nessa busca pela revalorização da cultura local é que os artistas populares, como os “Quatro Troncos Missioneiros”, passam a figurar no mapa cultural oficial da região, deixando de ser apenas artistas de apelo popular, passando a representantes artísticos do missionarismo, e, integrando-se a partir de então do mapa cultural do produto turístico Missões. Ouvir estes artistas que fazem da região missioneira o “chão” de seus versos, é de certa forma viajar pela região, ou mais precisamente pela representação da região, pois remete a um passado idealizado e reconstruído, que revivido no presente traz a sensação de intimidade, e mesmo curiosidade com o cotidiano e a história das missões. Porém, ao passarem do papel de arte popular para o de representações integradas ao imaginário do “produto missões”, servem também para legitimar ou mascarar as desigualdades e diferenças internas à sociedade regional.

4 | PATRIMÔNIO E IDENTIDADE NAS MISSÕES

A identidade pessoal é sob um ponto de vista psicanalítico, fruto da incompletude do ser, que busca constantemente uma certificação do seu “eu”, ancorando em referenciais externos suas incertezas internas (GIDDENS, 2002; WOODWARD, 2011). Seguindo o mesmo caminho, as identidades sociais são como uma forma de amplificação desta dualidade incompletude/identificação. Ao identificar-se com o outro através da criação e recriação de referenciais em comum, criam-se as coletividades e processos de identificação social. Mas também as identidades sociais buscam conferir aos sujeitos a sensação de conforto e segurança, dando aos mesmos a ideia de unidade, fornecendo a segurança ontológica (Giddens, 2002), que seria a ordenação capaz de garantir a ideia de uma trajetória pessoal coerente com a ideia que faz de si mesmo e da coletividade, ordenando passado, presente e futuro. Neste processo de identificação e certificação, é conferido a objetos concretos o papel de atestados da veracidade da coerência histórica, fundindo materialidade e significado.

Para lidar com a fragmentação do presente, algumas comunidades buscam retornar a um passado perdido, ordenado por lendas e paisagens, por histórias de eras de ouro, antigas tradições, por fatos heróicos e destinos dramáticos localizados em terras prometidas, cheias de paisagens e locais sagrados. (WOODWARD, 2011, p. 24)

A ideia de patrimônio surge então como forma de concretizar o passado no presente, trazendo a identidade do plano das ideias para o plano físico, palpável, socializando significados através das construções, de modo que ambos se fundem, tornando os

monumentos mais do que meras obras de arquitetura ou de arte.

A imagem das ruínas da redução de São Miguel é o grande símbolo representativo das missões no imaginário social, compondo um cenário que por si remete à historicidade. Esta não está contida apenas nas paredes e pedras que restaram da igreja jesuítica, que representam a própria passagem do tempo, mas também no imaginário que cerca tal conjunto arquitetônico. É o estado semidestruído da ruína que abre margem a imaginação dos momentos que ali se passaram, da morte da redução e do seu renascimento como obra preservada, como patrimônio.

As ruínas não dizem respeito apenas ao passado, elas dialogam com o atual, pois é no tempo presente que se decide sobre sua preservação ou esquecimento. É este conjunto de significados, que fazem a ligação entre o passado e o presente, reconfigurando o tempo, conforme Sandra Pesavento:

[...] é possível dizer que a ruína é responsável por uma operação de reconfiguração temporal, fazendo o passado emergir no presente por uma operação imaginária de sentido. Ao presentificar uma ausência no tempo, dando-lhe um significado, a ruína opera como representação do passado. A ruína não é só materialidade, é também imagem, é presença de uma ausência, dando visibilidade a uma ideia e a uma construção imaginária, por vezes muito distante do referente que se exhibe. A ruína exerce um fascínio, pela incompletude da forma e pela exibição da decadência, criando a possibilidade de ver no resto corroído, o esplendor e apogeu da civilização que teve, ali, lugar. (PESAVENTO, 2007, p. 55).

A própria deterioração das ruínas é um processo em andamento, por isso devem ser preservadas, para que possam continuar a existir em seu estado atual. Tal estado acaba revestindo-se em um estado ideal, pois ao mesmo tempo em que preserva as marcas da passagem do tempo, mantém as características originais capazes de fazer com que seja identificado como tal. Neste sentido, preservar o patrimônio é estancar a ação do tempo, o que não implica, porém em garantir que a interpretação do passado seja também estática.

A decadência física de São Miguel já havia sido percebida por Saint-Hilaire em sua passagem pela região no século XIX, o mesmo registra que:

A igreja, construída pelos jesuítas, é toda de pedra, e possui uma torre que servia de campanário, mas, há vários anos um raio caindo sobre ela destruiu-o completamente. João de Deus, um dos primeiros governadores desta província, pretendia fazer reparação nesse edifício, tendo para isso reunido os materiais, dispendendo muito dinheiro, mas tendo sido substituído, o sucessor não levou avante seus projetos. (apud MEIRA, 2007, p. 82)

Porém, mais importante do que o registro de Saint-Hilaire sobre a decadência das missões é seu registro sobre a iniciativa de recuperação do conjunto arquitetônico. No mesmo relato, Saint-Hilaire afirma que “S. Miguel é a primeira aldeia onde vejo realizar algumas reparações. Se desde o início tivessem cuidado disso, sempre que fosse necessário, em todas elas, as aldeias não estariam em quase total destruição (...)” (apud MEIRA, 2007, p. 82).

Em 1922 São Miguel foi reconhecido como “lugar histórico”, tornando-se patrimônio de domínio público a ser conservado pelo Estado devido a sua ligação com a história estadual.

Em 1937 o arquiteto Lucio Costa, empreendeu uma pesquisa nas missões a serviço do recém criado SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico), recomendando em relatório que o tombamento do antigo povo de São Miguel como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o que foi realizado em 1938. No relatório também constam recomendações para a construção de um museu, onde seriam guardadas as artes sacras remanescentes das reduções, tal recomendação foi seguida, resultando no museu local.

Em 1983 as ruínas de São Miguel Arcanjo são declaradas pela UNESCO Patrimônio da Humanidade, lançando um novo olhar externo ao local e sobre a própria região das missões, gerando um potencial turístico, mas também revigorando o pertencimento dos sujeitos locais à historicidade das missões. Isto faz com que as demais cidades da região também busquem seus patrimônios jesuíticos.

Em São Nicolau, por exemplo, a redução, localizada na praça central da cidade, encontra-se em ruínas, das quais restaram poucas paredes, hoje apoiadas por armações metálicas. A história do local é reconstruída com o auxílio de placas, pedestais e sinalizadores, onde constam textos e gravuras que remetem à configuração original do povoado. Há também um túnel, cuja entrada é vedada por motivos de segurança, apontado como uma possível adega ou dispensa utilizada pelos jesuítas. O imaginário popular afirma serem lugares de tesouros e de uma interligação entre os povoados.

Assim como em outras antigas reduções ao redor das quais cresceram cidades, a atual praça central de São Luiz Gonzaga coincide com o local do antigo pátio da redução. Nesta região central, é possível encontrar nos muros e paredes mais antigos, as pedras que restaram da demolição dos prédios jesuíticos, resquícios de um período anterior à valorização do patrimônio histórico.

A tendência à patrimonialização adotada pelos órgãos oficiais e comunidade em geral, a busca pelos monumentos restantes, e a sua frequente ausência, talvez possa explicar a recente criação de novos monumentos em São Luiz Gonzaga, como uma estátua em homenagem a Sepé Tiarajú, inaugurada em 2007, inicialmente localizada no trevo da entrada principal da cidade, atualmente postada em frente à Prefeitura Municipal.

A estátua de dois metros de altura, confeccionada em concreto pelo artista Vinícius Ribeiro, emula as obras do período reducional, e demonstra Sepé Tiarajú segurando uma lança, representando seu espírito guerreiro, e uma cruz, simbolizando sua fé cristã. A mesma está sobre um pedestal no qual consta uma placa com os dizeres principais: “SEPÉ TIARAJÚ – SÃO-LUIZENSE E MISSIONEIRO”, seguido de uma citação da lei Estadual 12.366, já citada anteriormente, que declara Sepé “Herói Guarani-missioneiro Rio Grandense”.

Outro monumento inaugurado mais recentemente na cidade (2009) lembra um dos

responsáveis pela reconstrução da identidade missioneira, homenageando o *payador* Jayme Caetano Braun.

Sendo fruto de um grande movimento para levantamento de fundos, contando com a iniciativa e colaboração de artistas e da própria comunidade, a estátua tem seis metros de altura e nove toneladas de peso, estando posicionada em um trevo de acesso à São Luiz Gonzaga. A obra também foi elaborada por Vinicius Ribeiro, porém são notáveis as diferenças de estilo, sendo que a estátua de Braun não remete ao período guaraníco como a de Sepé, mas sim a um estilo contemporâneo, assemelhando-se inclusive à estátua do Laçador - localizada em uma das entradas principais de Porto Alegre - devido ao porte altivo e imponente. Esta foi esculpida tendo como base a imagem de Paixão Côrtes. A contraposição entre ambas traz à tona novamente a questão da definição das fronteiras identitárias, afirmadas nas letras, poesias e *payadas*.

5 | O SIGNIFICADO DO MISSIONEIRISMO EM VERSO E PROSA

O termo “música missioneira” faz referência tanto às músicas desenvolvidas pelos jesuítas e Guaranis nas reduções, quanto às representações mais recentes, “composições de caráter regionalista, cuja poesia enaltece o passado missioneiro e seus descendentes” (Brum, 2005, p. 124). As interpretações a seguir fazem referência ao segundo entendimento da música missioneira.

Recorremos ao site do artista Pedro Ortaça para compreender alguns aspectos da identidade musical missioneira que a torna uma expressão diferente “diante da música gaúcha. E reconhecida no Rio Grande do Sul e no Brasil pela maneira diferente de cantarmos”. Para Ortaça, os principais traços de diferenciação seriam: a denúncia social dada nas letras; o tom de protesto das músicas frente às desigualdades e situações de injustiça que caracterizam a sociedade atual; o registro do passado de um povo esquecido, explorado, mas cheio de encantos e essências.

Tais traços descritos aparecem de forma recorrente nos registros musicais consultados durante a pesquisa, além de repetidas citações da indissociabilidade do missioneiro com a região. A composição musical “Da Terra nascem gritos”, de Cenair Maicá e Jayme Caetano Braun faz referência poética à questão agrária, referindo-se à criação dos primeiros sem-terra da região, os tropeiros e ervateiros, desapropriados quando da ocupação da região pelas colônias, mas também pela Lei das Terras (promulgada em 1850).

Mataram meus infinitos
e me expulsaram dos campos;
Da terra nasceram gritos,
Dos gritos brotaram cantos!
(...)
Eu tenho berço, Eu tenho pátria,
Eu tenho glória,
Eu só não tenho terra própria
Porque a história
Que eu escrevi,
Me deserdou no testamento!

Entretanto - bem ou mal,
Não me emociono,
Com os que combatem
As verdades do meu canto;
Sem ter direito de comer nem o que planto,
Só não entendo é tanta terra
E pouco dono!

Os versos acima demonstram tanto a denúncia quanto o protesto frente às desigualdades geradas na busca pela modernização da produção. Neste cenário onde o avanço rumo ao futuro é significado de exclusão crescente, o passado aparece como um refúgio, constantemente revivido, como “um rio que volta para o velho leito”. Este retorno constante ao passado é fruto da ideia mítica de que o espaço missioneiro viveu, outrora, tempos de mais justiça e liberdade, o faz com que Pedro Ortaça afirme, na música “Timbre de Galo” que “quem não viveu esse tempo, vive esse tempo a cantá-lo”. Esta composição é uma ode ao passado, demonstrando uma valorização do mesmo em detrimento do presente:

É verdade que alguns dizem
que os tempos de hoje são outros,
que o campo é quase a cidade
e os chiripás estão rotos,
que as esporas silenciaram
na carne morta dos potros...
(...)

Não esqueça, de outra parte,
para honrar a descendência,
que tudo aquilo que muda,
muda só nas aparências
e até num bronze de praça
vive a raiz da querência.

Ortaça demonstra a necessidade da constante rememoração de tempos idos, pois ao cantar lembra que o presente deve contas ao passado, e que as atuais referências positivas são fruto da trajetória iniciada pelos referenciais passados.

Esta idealização do passado missioneiro através de seus aspectos positivos, e a constante lembrança de que o presente contém o passado acaba por mascarar a ideia de que tratar do próprio passado é uma (re)significação, de modo que podemos afirmar que o passado, no caso das representações missioneiras está contido pelo presente. Desta forma, o presente e as idealizações de futuro é que moldam as representações do

passado, fazendo com que este seja uma projeção dos ideais atuais que opera de modo a apagar ou ressaltar aspectos e fatos de maneira seletiva.

6 | CONCLUSÃO

A análise do contexto de formação da identidade missioneira demonstra as diversas nuances das negociações identitárias, desde o resgate do passado como forma de traçar estratégias para o futuro em tempos de crise econômica, até a sobreposição/negação ao paradigma identitário gaúcho como representação da identidade regional.

As diferentes formas de tratamento dadas ao tema de uma identidade regional missioneira tanto por parte das ciências sociais, quanto da comunidade regional, demonstram que o tema da identidade está em constante diálogo com a realidade social à qual está ligado. Desta forma, compreender a identidade missioneira e seus significados, é também compreender a realidade social na qual estão inseridos os atores que a vivenciam e dialogam com a construção e reconstrução constante.

Lançar um olhar mais aprofundado a estas situações, guiado por referenciais das ciências sociais, contribui para a efetivação de uma ruptura epistemológica, capaz de tirar a identidade, a tradição e o próprio patrimônio do campo do senso comum e da experiência, para um campo mais amplo, que tece e desvela as relações entre estes temas e o entorno social mais amplo.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. - 15º ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BRUM, Ceres Karam. **Esta terra tem dono**: Uma análise antropológica de representações produzidas sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul. 360 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. – 4º ed. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOLIN, Tau. Missioneirismo, Guaranização e Indianização. In: COLVERO, Ronaldo B.; MAURER, Rodrigo F. (Org.). **Missões em Mosaico**. Da interpretação à prática: um conjunto de experiências. Porto Alegre: Faith, 2011.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). **A invenção das tradições**. – 2º ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MEIRA, Ana Lúcia G.. A trajetória do IPHAN nas Missões. In: MEIRA, Ana Lúcia G.; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). **Fronteiras do mundo ibérico**: patrimônio, território e memória das Missões. - 1ª ed. – Porto Alegre: UFRGS, 2007.

OLIVEN, Ruben. Gaúcho é brasileiro por opção. **IHU On Line**, ano 3, nº 75, 15 de setembro de 2003. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao75.pdf>>. Acesso em: 03 de setembro de 2019.

ORTAÇA, Pedro. **Release**. 2013. Disponível em: <<http://www.pedroortaca.com.br/?pg=8902>>. Acesso em: 03 de setembro de 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Missões, um espaço no tempo: paisagens da memória. . In: MEIRA, Ana Lúcia G.; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). **Fronteiras do mundo ibérico: patrimônio, território e memória das Missões**. - 1ª ed. – Porto Alegre: UFRGS, 2007.

PINTO, Muriel. Interpretação do espaço social da Região Histórica das Missões Jesuítico-Guarani: uma dialética com as reflexões do francês Guy Di Méo. In: **Confins** – Revista Franco-brasileira de Geografia, ano V, nº 16. 2012. Disponível em: <<http://confins.revues.org/7939>>. Acesso em: 03 de setembro de 2019.

POMMER, Roselene Moreira Gomes. **Missioneirismo** – História da Produção de uma Identidade Regional. – 1ª ed. - Porto Alegre: Martins Livreiro, 2009.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: da SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Autonomia 1, 2, 4, 5, 6, 7, 11, 46, 49, 50, 52, 55, 60, 68, 79, 82, 83, 84, 93, 94, 102, 126, 135, 168, 169, 189, 204, 205, 209, 211

Avaliação 8, 32, 33, 34, 47, 52, 57, 61, 76, 77, 80, 84, 103, 112, 118, 162, 168, 198, 200, 204, 205, 209, 229, 264, 270

C

Ciências Humanas 1, 21, 56, 68, 96, 149, 155, 227, 233, 258

E

Educação 1, 2, 3, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 27, 28, 29, 30, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 76, 77, 78, 81, 82, 83, 84, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 101, 102, 105, 106, 107, 109, 111, 113, 118, 120, 123, 124, 126, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 163, 165, 168, 169, 171, 172, 173, 174, 175, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 195, 196, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 209, 210, 211, 234, 271

Educação ambiental 77, 78, 81

Educação bilíngue 179, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 189

Educação Infantil 69, 71, 72, 77, 78, 82, 83, 84, 93, 95, 105, 204

Educação Profissional 64, 67, 141

Ensino Fundamental 57, 60, 69, 71, 72, 96, 98, 99, 120, 121, 122, 129, 135, 136, 192, 204, 271

Estado 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 32, 33, 34, 40, 41, 65, 66, 69, 92, 111, 113, 117, 118, 130, 133, 162, 167, 183, 214, 215, 216, 218, 220, 221, 226, 227, 237, 249, 258, 271

Estágio Supervisionado 77, 78, 190, 191, 192, 193, 197, 198

F

Formação 8, 15, 17, 28, 29, 39, 40, 55, 59, 64, 71, 75, 76, 77, 78, 81, 83, 84, 94, 95, 101, 109, 110, 116, 117, 122, 124, 130, 135, 137, 138, 139, 140, 143, 146, 150, 151, 153, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 166, 167, 175, 176, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 211, 212, 213, 214, 216, 217, 224, 233, 234, 236, 242, 244, 252, 271

Formação Docente 64, 77, 179, 181, 182, 183, 186, 187, 188, 189, 191, 198, 199, 202, 207

I

Identidade Regional 213, 214, 224, 225

Indígena 9, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 241

J

Jogos 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 99

L

Legislação 14, 17, 102, 179, 182, 261

Livro Didático 9, 103, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 122

M

Metodologias 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 64, 99, 103, 104, 105, 123, 127, 200, 269

Monitoria 31, 32, 34, 35, 199, 200, 201, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212

P

Políticas Públicas 11, 14, 15, 26, 28, 72, 133, 181, 271

Prática 4, 7, 16, 17, 18, 24, 33, 57, 65, 69, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 94, 101, 102, 121, 125, 126, 127, 130, 135, 139, 142, 143, 144, 150, 152, 155, 156, 158, 163, 165, 182, 183, 185, 186, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 224, 241, 244, 252, 271

Processo ensino-aprendizagem 30, 202

Profano 234, 238, 240, 243, 244, 245, 256, 257, 258

R

Religião 100, 232, 246, 248, 252, 253, 257, 258, 271

Religiosidade 247, 248, 250, 253, 258

Rito 226, 227, 228, 229, 230, 232, 243, 256

S

Sagrado 228, 231, 232, 234, 237, 238, 240, 243, 244, 255, 256, 257, 258

Sequência 42, 85, 115, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 129, 130, 131, 136

Subjetividade 75, 152, 154, 155, 168

Surdos 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 251

T

teoria 16, 21, 39, 44, 45, 46, 50, 51, 52, 66, 67, 75, 79, 82, 137, 139, 142, 148, 152, 156, 183, 190, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 200, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 212

Teoria 37, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 57, 135, 158, 271

U

Universidade 6, 11, 12, 14, 21, 29, 30, 32, 34, 35, 55, 56, 57, 64, 67, 69, 77, 96, 104, 106, 107, 113, 118, 120, 134, 135, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 146, 147, 148, 149, 150, 159, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 179, 190, 192, 199, 200, 207, 211, 213, 224, 233, 234, 246, 247, 258, 260, 271

